



1290000164



FE

TCC/UNICAMP B862o

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

OLHOS, IMAGENS E AÇÃO:
TELEVISÃO E FORMAÇÃO.

1998

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Jane Silva Bueno

OLHOS, IMAGENS E AÇÃO:
TELEVISÃO E FORMAÇÃO.

Trabalho de Conclusão de Curso
Orientadores : Milton José de Almeida

Campinas
1998

UNIDADE:	F. E.
Nº CHAMADA:	YCC/UNICAMP
	B8620
V:	EX:
TOMBO:	164
PROC:	124/03
C:	D: X
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	03/11/03
Nº CPD:	ml-ol-210685

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

B862o Bueno, Jane Silva.
Olhos, imagens e ação : televisão e formação / Jane Silva
Bueno. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Milton José de Almeida.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Televisão. 2. Formação*. 3. TV Cultura*. 4.
Programa infantil*. 5. Castelo Rá - Tim - Bum.* I. Almeida,
Milton José de. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

*Aos meus pais
Com todo amor e carinho.*

Às pessoas que vivem plenamente sua opção.

À minha filha, Ligia .

RESUMO

Este trabalho é o resultado de reflexões sobre a televisão como recurso educativo. Analisa alguns aspectos do programa infantil de televisão, produzido pelo TV Cultura, "Castelo Rá -Tim- Bum".

Foi concebido conjuntamente com duas colegas da Faculdade de Educação, Mariângela Mello Pereira e Simone Franco, porém com um texto individual cada uma.

Parte de uma vontade de entender a televisão e suas implicações.

Início a reflexão com um breve histórico do programa escolhido em seguida faço a descrição de um episódio. na tentativa de situar o leitor.

Busco, então, algumas respostas : primeiramente na análise do episódio, refletindo sobre a concepção de infância, o cotidiano das crianças, que idéias representam, depois discutindo a televisão, de modo geral, pensando as questões dos valores, da ética, do homem, da sociedade. Enfim, as implicações pedagógicas do tema, os possíveis usos da TV como recurso educativo, e as concepções de educação que o programa Castelo Rá-Tim-Bum apresenta .

Mais do que ampliar meus conhecimentos sobre a televisão, este trabalho é o início de uma reflexão acerca da complexa e dinâmica relação entre os homens e o que ele produz. Uma tentativa de expressar as minhas inquietações, meus sonhos e utopias.

I. A televisão : que universo é este ?

A televisão, meio de comunicação de massa, está presente de maneira significativa na vida das pessoas. A grande maioria da população passa algumas horas do seu dia em frente deste aparelho, recebendo as informações ali transmitidas por imagens e sons. Segundo uma nota publicada no jornal *O Estado de São Paulo* (15/02/1998), o brasileiro fica em média 6 horas diárias diante da televisão, mais que o americano, com 4, e o turco, com 3,5. "É dieta rica em calorias : uma criança americana terá consumido 4,5 mil horas de imagens antes de pisar na escola e cerca de 600 mil mensagens publicitárias antes dos 20 anos".

Que informações são estas ? Quais concepções e valores transmitem, explícita ou implicitamente ? Em que medida forma seus telespectadores ? Enfim, visto seu poder de penetração no cotidiano das pessoas, em que a televisão tem contribuído na educação / formação e / ou transformação da sociedade de hoje ?

Como estudante do curso de Pedagogia, desenvolvi um projeto de pesquisa com objetivo de conhecer a elaboração de programas infantis visando analisar as concepções de homem, de infância, enfim, de mundo transmitidas pela TV. A princípio escolhi dois programas infantis com concepções pedagógicas aparentemente diferentes - "Angélica" na Rede Globo e "Castelo Rá-Tim-Bum" na TV Cultura.

Este projeto de pesquisa acabou se transformando no tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia.

Vários pontos do projeto inicial foram modificados. Decidi após várias discussões e ponderações analisar somente um programa infantil - "Castelo Rá-Tim-Bum" . A acolhida dos professores / pesquisadores do Grupo OLHO como orientadores deu-me a segurança de que precisava para dar continuidade ao trabalho.

Este texto é o resultado de reflexões acerca da *televisão como recurso educativo*. A idéia partiu de um desejo de entender a influência que a TV exerce sobre seus espectadores, de modo geral, e das crianças mais especificamente¹. O que pretendo com este trabalho é exatamente isso : satisfazer uma vontade pessoal de compreender a televisão e suas possíveis implicações na educação e formação das crianças, com base no conhecimento produzido sobre o tema até então., partindo de algo concreto, o programa escolhido.

Provavelmente, por se tratar de um tema muito rico e complexo, este texto será o início de um trabalho maior, de um estudo mais amplo. Não espero transformar esta pesquisa em um produto acabado, com conclusões finais. Desejo sim que as considerações feitas aqui aumentem ainda mais minha vontade de continuar investigando este espetáculo de tecnologia que é a TV.

¹ Sobre este mesmo tema , ou seja, a televisão e mais especificamente o Castelo Rá-Tim-Bum, há mais dois trabalhos, porém com enfoques diferentes, que foram produzidos conjuntamente com este. Sugiro a leitura dos Trabalhos de Conclusão de Curso de Simone Franco e Mariângela Melo Pereira.

II. Situando o leitor : um breve histórico do Castelo.



O castelo na paisagem urbana.

O Castelo Rá-Tim-Bum é uma série de 90 episódios para o público infantil concebida por Cao Hamburger (diretor geral do programa) e Flávio de Souza, produzida pela TV Cultura, com apoio privado. Estreou em 9 de maio de 1994, em três horários : 10h, 15h30min., e 19h. O programa, segundo a produtora da TV Cultura, "insere-se na continuidade do trabalho com a produção infanto juvenil que a TV Cultura vem fazendo. A preocupação em ter uma relação inteligente com a criança, onde aprender é divertido, está presente o tempo inteiro. Faz com que a televisão seja também um ambiente propício de aprendizado". A série contribui para formação de crianças de 4 a 8 anos, explorando a riqueza do universo infantil.

A narrativa se desenvolve em um Castelo situado dentro de uma grande cidade, cercado de prédios. "Trata-se de um Castelo fantástico integrado a uma paisagem urbana contemporânea". (Carneiro, pp.92) . Neste Castelo moram os personagens : Nino, uma criança de 300 anos; seus tios, Dr. Vítor, dono do Castelo, com 3000 anos, mago e inventor, que trabalha com emprego fixo e por isso passa o dia fora do castelo e, a Feiticeira Morgana com 5999 anos e participou de todos os grandes acontecimentos da história universal. Ela quase não sai de seus aposentos, situados na torre do castelo onde vive sua galha e companheira Adelaide.

Há ainda os personagens-crianças: Zequinha, de 6 anos, Biba , de 8 anos, e Pedro com 10 anos, que visitam o Castelo todos os dias, e os personagens "não principais" : a cobra Celeste, o Relógio, o Porteiro, os Passarinhos, Mau, Godofredo, o Gato Pintado, as Fadas Lana e Lara, Penélope, Dr. Abobrinha, o Ratinho, Tíbio e Perônio.

III. Assim começa a fantasia...

O episódio que analisarei é o primeiro da série, que tem como tema o *medo*. Farei aqui uma descrição do programa escolhido.

A narrativa se inicia com Morgana conversando com Dr. Vítor. Eles não aparecem por inteiro, vê-se apenas suas sombras ou partes de seu corpo. O cenário é um pouco escuro, com certo ar de mistério. Eles falam sobre o Nino; está na época de início das aulas e segundo os dois, Nino está um pouco infeliz porque gostaria de ir à escola. Mas, após 150 anos de tentativa ele não foi aceito em nenhuma por ser uma criança de 300 anos. Nino gostaria de ter amigos.

Na cena seguinte, Nino observa da janela do Castelo, por um telescópio, crianças saindo da escola. Ele fixa o olhar sobre três colegas (Biba, Pedro e Zequinha) que caminham pela calçada. As crianças estão alegres e conversam sobre o sonho que tiveram na última noite; Biba sonhou com um Castelo, Pedro com uma Bruxa e Zequinha com um monstro cabeludo e feio. Nino, usando de magia, faz com que a bola que Zequinha carregava saia voando. As crianças ficam assustadas e surpresas e, em seguida saem correndo atrás da bola. Correm por vários lugares, quando então, ao virarem uma esquina, vêem o Castelo. Olham-no com admiração e vendo novamente a bola, continuam a segui-la. A bola vai na direção do Castelo, que abre suas portas; ela quica para dentro e as crianças entram atrás.

Ao se verem na sala principal do Castelo, as crianças olham em volta e Biba percebe que estão no Castelo de seu sonho. Pedro sugere que eles saiam de lá antes de encontrarem a bruxa de seu sonho, mas a porta se fecha e eles ficam presos.

Decidem então procurar pela bola de Zequinha e começam a nadar pelo Castelo quando Biba se assusta com um rato - é o Ratinho, personagem de massinha que anda no subsolo com um carrinho de lata. Ele tem um quadro fixo em que toma banho de banheira cantando sempre a mesma música.

Terminada a cena do Ratinho, aparecem Pedro e Biba comentando que nunca tinham visto um rato que toma banho.

Na cena seguinte, Zequinha, que procurava por sua bola, cai nas tubulações do Castelo e acaba parando na Toca do Mau, onde encontra Godofredo. Eles conversam e Godofredo diz que é melhor ele se esconder porque o Mau vai chegar. Zequinha quer saber porque e ele diz que é porque o Mau é muito mau. O garoto entra em um dos tubos quando Mau aparece. Ele tem um enigma para Godofredo, que, se não acertar, será obrigado a escutar sua gargalhada fatal. Godofredo não sabe a resposta; Zequinha sabe a resposta e aparece para dizer. Os dois se olham e se assustam um com o outro. Passado o susto Zequinha se apresenta e diz que está procurando sua bola. Godofredo lhe mostra a saída das tubulações.

Enquanto isso , Pedro e Biba procuram por Zequinha. Eles encontram o homenzinho da lareira que apresenta uma espécie de banda de música.

Zequinha aparece e diz onde estava; as crianças não acreditam e dizem que agora só falta ele dizer que viu um fantasma enquanto rodam numa passagem giratória. Nisso o garoto vê Nino vestido de fantasma. Quando Zequinha conta para os outros o que viu eles não acreditam; mas Nino aparece novamente e os assusta; saem todos correndo.

As crianças despistam Nino e param para conversar. Dizem que queriam ir embora. Entra em cena as Fadinhas Lana e Lara que contam aos garotos todo a armação de Nino.

Em seguida há a cena do Caranguejo - com as mãos fazem um caranguejo que anda pelo cenário.

Nino aparece novamente, com sua roupa de fantasma mas não vê as crianças. Elas assustam Nino também vestidas de fantasma. Ele fica apavorado e se esconde enquanto os três tiram os lençóis. Nino aparece para as crianças, bravo por ter sido assustado, mas depois reconhece que assustar é uma brincadeira muito sem graça. Ficam amigos; ao se apresentarem dizem suas idades; as crianças ficam espantadas com a idade de Nino. Nesse momento aparece a Feiticeira Morgana procurando por sua vassoura, que está na mão de seu sobrinho. As crianças se escondem; Morgana, num passe de mágica, faz a vassoura desaparecer da mão de Nino e aparecer em sua mão. Diz que se ele pegar a vassoura novamente lhe dará um beliscão; belisca-o de

longe usando sua magia. Ela vê que Nino arrumou alguns amiguinhos e diz que eles podem ficar a vontade e, se tiverem fome, podem se servir na geladeira.

Assim que Morgana sobe para seus aposentos Pedro diz que ela se parece com uma Bruxa; Nino diz que é isso mesmo que ela é.

Na cena seguinte, vemos Morgana em quarto conversando com Adelaide sobre o fato de as pessoas terem medo de bruxas. Ela fala de seus medos de infância e diz que é normal sentir medo, principalmente do desconhecido. Depois sai voando em sua vassoura para fora do Castelo.

Nino resolve apresentar o castelo às crianças. Quando passam pela árvore que existe bem no meio da sala aparece Celeste, a cobra; Biba e ela se assustam ao se verem. A menina grita. Nino pede para que fique calma e apresenta a moradora da árvore.

Nino percebe que o coração de Biba está acelerado e diz que conhece duas pessoas que se interessarão por isso. Entra em cena, em seu laboratório, os irmãos gêmeos Tibio e Perônio. Eles explicam porque o coração às vezes bate mais rápido, outras vezes não.

De volta à sala do Castelo, Nino leva as crianças até a biblioteca. Elas ficam impressionadas com a quantidade de livros (precisamente 1005) que há. São apresentadas ao Gato Pintado, que é o “bibliotecário” e sabe falar. Em seguida se dirigem à oficina onde Nino e Dr. Vítor criam suas invenções. Zequinha pergunta onde é a cozinha e Pedro e Biba ficam sem graça pelo jeito do garoto. Ele diz que foi a própria Morgana quem disse para ficarem a vontade. Decidem ir lanchar na cozinha. Na saída se encontram com Sap e Flap, um par de sapatos falante.

Ao chegar na cozinha ficam encantados com os bancos que sobem do chão - uma invenção de Dr., Vítor. Quando iam começar a comer, aparece o Fura-Bolo, um bonequinho feito no dedo indicador, que lembra que antes de comer é preciso lavar as mãos.

Segue-se a cena de um “clip” em que, ao som de uma música, várias crianças lavam suas mãos.

De volta à cozinha, ao lancharem as crianças dizem à Nino que voltarão ao Castelo no dia seguinte. O Relógio avisa que está na hora de Dr. Vitor chegar.



Dr. Vitor diverte Nino e as crianças, Pedro, Zequinha e Biba.

As crianças correm em direção da porta que se abre. Para espanto de Nino não aparece ninguém. Ele diz que às vezes o Relógio pode se enganar; ele diz que nunca se engana e em seguida todos olham para cima e vêem o mago chegando voando com uma de suas invenções. Nino apresenta o tio às crianças. Nisso o Relógio diz que está na hora de eles irem embora porque seus pais devem estar preocupados. Eles concordam.

Nino lembra que eles estão esquecendo alguma coisa - a bola. O garoto diz que eles devem procurar em uma caixa preta que está na sala da lareira. As crianças olham dentro desta caixa e vêem surgir a bola que bate nas paredes fazendo vários sons e depois pula para fora. Os garotos vão até Nino que devolve o brinquedo a Zequinha.

Então, as crianças vão embora do Castelo; Nino muito contente diz que no dia seguinte eles voltarão, olhando para a câmara, e termina com um "até amanhã".

IV. Buscando respostas :

IV.a. O episódio : analisando a narrativa.

São vários os aspectos que poderiam ser analisados e discutidos dentro deste episódio. Iniciarei a reflexão com as três crianças - Pedro, Biba e Zequinha - que visitam o Castelo.

Como são estas crianças ? Que grupo social representam ? Como se comportam ? Como falam ? O que falam ?

A reflexão será baseada em indícios do cotidiano dos garotos. Segundo Ariés, em História Social da Criança e da Família, é possível entender a história dos homens pela maneira como agem, como se relacionam enquanto grupo social menor. Assim, pretendo a partir dos personagens do programa buscar algumas respostas para a questão dos programas educativos, da televisão como recurso educativo.

Pedro é um garoto branco, bem vestido, educado, que fala corretamente; Biba é uma garota negra também bem vestida e inteligente; Zequinha é um menino branco, com ar de "sapeco" e também muito bem arrumado. Os três representam crianças de classe média - suas roupas são novas e da "moda", usam mochilas modernas e coloridas; a escola na qual estudam é um prédio bonito, limpo, grande, um típico colégio tradicional. As crianças saem da escola todas muito felizes, o que demonstra que ali é um lugar prazeroso. A rua por onde passam é arborizada, o cenário é muito colorido, festivo, alegre.

Quando Pedro entra na biblioteca, já pega um livro e começa a ler, o que demonstra que tem o hábito de ler; Biba e Zequinha também sentem-se à vontade dentro do local. Segundo Bachelard, a palavra hábito vem de habitar; adquirimos o hábito de alguma coisa se em nossas casas, vivenciamos tal coisa. Daí podemos supor que eles tiveram uma educação na qual tiveram contato com a leitura, esta lhes é familiar, faz parte de suas experiências anteriores e, ao que tudo indica de maneira bem positiva.

Não é explicitado se há algum parentesco entre eles ou se são apenas amigos. Também não se fala do cotidiano delas fora do Castelo, toda

narrativa é em torno e dentro dele. Mas podemos supor que eles têm família, moram bem.

A meu ver, o cotidiano destas crianças não é o da maioria da população brasileira. Apesar de reconhecer que na televisão a maioria dos programas são voltados para uma “massa”, que abrangeriam todas as categorias sociais, acredito que o programa representa melhor uma determinada categoria social mas intelectualizada, com fácil acesso a produção de conhecimento, de maior poder aquisitivo e melhores chances na vida.

Quando vão até a cozinha, pode-se ver que a mesa é farta, come-se bem; também têm hábitos de higiene, lembram-se que antes de comer temos que lavar as mãos.

Como antes de conhecerem o Castelo e seus moradores os três tiveram sonhos com o local e alguns personagens e, no final do episódio, prometem a Nino que voltarão no dia seguinte sem ao menos consultar algum responsável, podemos supor que tudo seja fruto da imaginação dos meninos, uma grande brincadeira. O Castelo só existiria por que eles o inventaram, em sua “liberdade psicológica de sonhar”, num “devaneio de infância” (). O lúdico, a fantasia fazem parte de toda narrativa. Apesar de só no primeiro episódio as crianças aparecerem fora do Castelo, ou seja, numa cena “real”, no programa “não existe contraposição entre o mundo real e o mundo da fantasia. Como nos contos de fadas, a fantasia está a serviço do real” (Carneiro, pp. 86). Na infância podemos sonhar, somos livre para isso. Hoje se reconhece a importância da criança brincar; é na brincadeira que ela se socializa, experimenta, se depara com conflitos. No Castelo os garotos podem ser o que quiserem já que tudo é uma fantasia; da mesma forma que quem assiste pode se imaginar dentro dele e fazer parte desse mundo mágico.

Como são os narradores da história constroem-na de acordo com seus valores culturais. O Castelo é típico dos imaginados na infância; e nele estão representadas algumas concepções de nosso tempo. O conhecimento, representado pela Feiticeira Morgana, fica na torre, no alto do Castelo, onde não se tem muito acesso. O homem da história (Dr. Vítor) passa o dia fora, trabalha, enquanto a mulher (Morgana) fica em casa. O grau de parentesco

entre eles é tio e tia; não é envolvida na história a figura dos pais, o que pode significar a ausência da repressão que os pais representam.

Podemos concluir, ao assistirmos o episódio, que a concepção de infância que o programa traz é a de que a criança tem papel muito importante e específico em nossa sociedade. São respeitadas suas particularidades infantis, na medida em que é considerado o lúdico, a fantasia, a brincadeira, visto que estas fazem parte da criança enquanto prática cultural e atividade simbólica. As crianças são respeitadas pelos adultos; Morgana e Dr. Vítor, os "adultos", têm um cuidado especial com elas. Ao se preocuparem com o fato de Nino não conseguir vaga em uma escola, mostram que se interessam por sua educação e sobretudo por seus sentimentos.



Nino, Biba, Pedro e Zequinha.

As crianças são muito interessadas, curiosas; estão sempre dispostas a aprender ou conhecer algo. Eles se relacionam com personagens “mágicos” , os bonecos, os bichos, o que mostra que a concepção de infância do programa reconhece o aspecto lúdico.

IV.b. Refletindo sobre a televisão.

Todos os dias, no interior dos lares, pelo menos em alguns momentos, as pessoas fixam seus olhos nos programas produzidos pela indústria *televisão*. ***O que elas vêem ?***

Neste trabalho pretendo analisar, dentro do universo televisivo, o que o programa Castelo Rá-Tim-Bum produz, quais valores, concepções, imagens, visões de mundo passa ou procura passar ao telespectador, a partir de minhas experiências, idéias, meu modo de olhar, meus parâmetros, gosto, padrão cultural, aprendizagem, lugar social que ocupo.

A princípio, pretendia com a pesquisa mostrar “o caminho da salvação” às outras pessoas, comprovar a hipótese que a TV só influencia negativamente na formação das pessoas.

Vejo a TV como parte integrante da sociedade, com defeitos e qualidades, refletindo o que somos, nossas diferenças culturais.

A televisão, sendo um produto cultural de nossa sociedade, reproduz claramente ou não, os valores, preconceitos e concepções desta. Digo claramente ou não, porque na maioria das vezes os valores são passados de maneira sutil, não óbvia. O que é intrínseco à pessoa que produz algo está presente em sua obra, mesmo que não seja a sua intenção demonstrar suas concepções. Podemos exemplificar com o episódio analisado, na cena do beliscão. O programa, com certeza não quer passar a idéia de repressão, de castigo; isto não deve estar explicitado na proposta. No entanto, esta noção está presente, mesmo que de maneira não evidente.

Por ser um produto da ação humana, o programa escolhido evidencia suas contradições, funcionando também como possibilidades de criação e transformação. Ou seja, as possibilidades que o homem cria na produção de programas de TV, o que imagina é muito importante nas transformações da sociedade. “A imaginação, a capacidade que a sociedade tem de produzir imagens e, depois, acreditar naquilo que imagina...exerce um

papel fundamental na história humana, embora até hoje não se tenha reconhecido sua importância decisiva ; a imaginação social é o agente das mudanças históricas”. (Paz, pp.119).

A produção televisiva tem uma característica muito especial - ela trabalha com imagens e sons, que são representações , visões do real, mas que, no entanto, para o telespectador são *reais*; ele vê os fatos em tempo presente.

Segundo Almeida, “a relação do espectador com imagens e sons em movimento é quase a mesma de pessoas se encontrando e conversando...as palavras têm o peso da verdade da situação, mesmo que depois, na reflexão sobre o que foi dito, perceba-se a mentira, a ambigüidade”. (pp. 41/42).

Assim, as informações transmitidas têm um grande poder de persuasão; o telespectador forma suas opiniões a partir do que ouve e vê, na maioria das vezes sem refletir, visto a forma e ritmo como estas são narradas. “Os fatos já nos chegam acompanhados de explicação” (Benjamin, pp.203), o sujeito não é livre para interpretar, não há tempo para discussão / reflexão.

É muito interessante a música dos Titãs que fala sobre isso:

Televisão

(Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer, Toni Belotto)

*A televisão me deixou burro, muito burro demais
Agora todas coisas que eu vejo me parecem iguais
O sorvete me deixou gripado para o resto da vida
Agora toda noite quando deito é boa noite querida*

*Ô cride, fala pra mãe !
Que eu nunca li num livro
Que o espirro fosse um vírus sem cura
Vê se me entende
Pelo menos uma vez me ajuda
O cride, fala pra mãe !*

*A mãe diz pra eu fazer alguma coisa
Mas eu não faço nada
A luz do sol me incomoda
Então deixo a cortina fechada
É que a televisão me deixou burro, muito burro demais
Agora eu vivo dentro desta jaula, junto dos animais*

*O cride, fala pra mãe !
Que tudo que a antena captar
Meu coração captura
Vê se me entende
Pelo menos uma vez me ajuda
O cride, fala pra mãe !*

Como já foi dito anteriormente, a nossa sociedade se educa por imagens e sons. “A sociedade moderna, apesar de muitas vezes parecer o contrário, é uma sociedade oral...que tem no ouvir incessante e no olhar exterior a fonte única de informações, valores, conhecimentos, comportamentos a serem imitados”. (Almeida, pp.27).

“Hoje a inteligência da maior parte das pessoas está sendo formada (in- formada) pelos meios que produzem imagens-sons, como vimos anteriormente. Cabe um esforço para buscarmos algumas maneiras de análise / interpretação dessas imagens...Uma das maneiras pode ser aproximarmo-nos delas como nos aproximamos de uma linguagem”. (Milton, pp. 46/47).

“Linguagens são algo que extrapolam as línguas... são maneiras que o homem vai elaborando para se aproximar mais daquilo que busca conhecer” (Oliveira, pp.4). A linguagem da televisão é a audiovisual, produto da sociedade capitalista de consumo. Segundo Oliveira, as linguagens são “objetos culturais”, isto é, se originam em um determinado contexto, sobre

determinadas condições. Não é possível pensar a linguagem da televisão desvinculada da nossa moderna sociedade. A maioria das pessoas desenvolve sua maneira de pensar, de entender o mundo por esta nova oralidade; pessoas que têm quase nenhum contato com a linguagem escrita, não lêem. O papel da família e da escola, instituições que por excelência estão voltadas para a formação da criança perderam espaço para as novas tecnologias como a televisão e mais recentemente para o computador.

Como podemos perceber, então, a televisão tem um papel fundamental na sociedade atual. Acredito ser importante colocar que esta sociedade a qual me refiro é uma complexa "sociedade na qual a divisão social do trabalho e a distribuição de riquezas delineiam categorias sociais distinguíveis com continuidade histórica...com uma heterogeneidade cultural que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições"...(Velho, pp.16).

A televisão, de certa forma, consegue ser o "elo" dessas culturas locais; pela televisão podemos "estar presentes" em fatos que acontecem do outro lado do mundo; moradores do sul do país podem assistir a manifestações culturais de pessoas do norte da Amazônia; pela TV hoje temos noção da diversidade cultural que possuímos e também dos problemas que se enfrenta nas diferentes regiões.

No cotidiano urbano, principalmente, as pessoas têm na televisão uma forma de lazer. A violência, a falta de dinheiro, o cansaço da vida diária, fazem com que cada vez mais as pessoas se fechem em suas casas e apartamentos. Temos uma variedade de programas, de canais. Ao invés de irmos ao cinema, assistimos o filme na TV. Ao invés de lermos um livro, vemos as novelas na TV. Ao invés de nos reunirmos com amigos, vizinhos, para falarmos da vida, assistimos aos programas de auditório.

Esta mudança de comportamento do homem é muito bem exemplificada na letra e música de Chico Buarque que cito abaixo.

A televisão

(Chico Buarque)

O homem da rua
Fica só por teimosia
Não encontra companhia
Mas pra casa não vai não
Em casa a roda
Já mudou, que a moda muda
A roda é triste, a roda é muda
Em volta lá da televisão
No céu a lua
Surge grande e muito prosa
Dá uma volta graciosa
Pra chamar as atenções
O homem da rua
Que da lua está distante
Por ser nego bem falante
Fala só com seus botões

O homem da rua
Com seu tamborim calado
Já pode esperar sentado
Sua escola não vem não
A sua gente
Está aprendendo humildemente
Um batuque diferente
Que vem lá da televisão
No céu a lua
Que não estava no programa
Cheia e nua, chega e chama
Pra mostrar evoluções

*O homem da rua
Não percebe o seu chamego
E por falta de outro nego
Samba só com seus botões*

*Os namorados
Já dispensam seu namoro
Quem quer riso, quem quer choro
Não faz mais esforço não
E a própria vida
Ainda vai sentar sentida
Vendo a vida mais vivida
Que vem lá da televisão
O homem da rua
Por ser nego conformado
Deixa a lua ali de lado
E vai ligar os seus botões
No céu a lua
Encabulada e já minguando
Numa nuvem se ocultando
Vai de volta pros sertões.*

Como podemos ver, este homem apesar de sua teimosia, não tem como fugir das novas formas de vida, e acaba se “rendendo” à televisão. Isto não quer dizer que as mudanças sejam melhores ou piores; temos que aprender a lidar com elas, conviver da melhor maneira possível, visto que “o tempo não pára”.

Já que estamos considerando o papel da TV como importante na formação das crianças, é necessário questionar que crianças estamos formando e, sendo necessário, reavaliar os programas de TV.

Fatos desastrosos como o índio queimado vivo por adolescentes de classe média, os dois jovens que mataram colegas de escola nos EUA são

casos isolados ou denunciam que a educação de hoje merece um pouco mais de cuidado. Como disse Caetano Veloso, "o futuro está em construção, mas já parece ruína".

A importância de me voltar para os programas que são produzidos e transmitidos para crianças é fundamental para perceber que tipo de educação, de valores são passados. É evidente que "a influência da TV não é sempre imediata ou na mesma densidade. Existe uma intermediação da criança. Quanto maior a idade da criança, a estruturação do seu lar, os bons exemplos com os quais convive, menor será o impacto da televisão. Entretanto, a realidade na qual a maioria das crianças vive está longe de prover este quadro ideal. Nas famílias onde as mães são submissas ou onde existe a violência, encontra-se um espaço para confirmar um mundo preconceituoso e perverso para a criança". (Marta Suplicy, "A criança e a tevê", 21/09/97, n°26,pp. 2).

Está novamente em discussão a questão da ética, da qualidade dos programas na TV, visto a banalização do valor do ser humano, *que somos nós*, que temos assistido. A ética qual me refiro é a " que refere-se ao respeito pelos direitos e deveres de todos, respeito pelas leis que regulamentam tais direitos e deveres"(Rolnik,pp.145).

É claro que estas leis dependem dos valores culturais de cada povo; então podemos perceber que também a ética não é imparcial, neutra, ela atende os interesses de cada sociedade, ou de cada segmento dela.

Segundo Paulo Freire, somente os que se fizeram historicamente capazes de ser éticos, são capazes também de transgredir a ética.

O caminho de volta, acredito eu, também é possível. A valorização do ser humano, a volta a um comportamento ético é viável, mesmo que seja muito difícil. Quem, que categoria social decidirá quais valores éticos a serem seguidos ? Não tenho claro a resposta à esta questão. No entanto, acredito que devemos lutar para chegar a estes valores éticos. E a melhor maneira, segundo Paulo Freire, de por eles lutar é vivê-los em nossa prática, é testemunhá-lo, vivaz, às crianças em nossas relações com elas, seja na família, na escola, ou nos programas infantis de TV.

V. E a educação ? Tem vez na televisão ?

É possível ter no meio de comunicação televisão um recurso educativo ? Acredito que depende da concepção que se tem de educação.

Se partirmos da concepção, a qual compartilho, que a aprendizagem se dá nas relações da criança com o conhecimento, através da mediação do outro, que possua este conhecimento, seria a televisão eficaz nesse sentido. Quem é este outro ?

“ O outro é tudo aquilo (humano ou não, unitário ou múltiplo) exterior a um eu. Isso é o que se apreende no plano do visível, captável pela percepção: há nesse plano (não só humanos, repito), unidades separáveis e independentes.

No entanto, a realidade não se restringe ao visível e a subjetividade não se restringe ao eu; à sombra disso tudo, no invisível, o que há é uma textura ontológica que vai se fazendo de fluxos e partículas que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos e partículas com os quais estão coexistindo, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim, irreversivelmente, o equilíbrio dessa nossa figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isso acontece há uma violência, vivida por nosso corpo em sua forma atual, que nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo – em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir, etc. – que venha incarnar o estado inédito que se fez em nós, a diferença que reverbera à espera de um corpo que a traga para o visível. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um desses estados – ou seja, a cada vez que incarnamos uma diferença – nos tornamos outros” (Rolnik, pp.147).

Sendo assim, a todo momento estamos nos transformando, a televisão é também o outro e nos modifica o tempo todo.



A turma do Castelo : Dr. Vitor, Morgana, Nino, Biba, Pedro e Zequinha.

Assim a televisão educa, transforma o tempo todo. É claro que num programa como este há uma preocupação com a parte pedagógica, existe todo um planejamento, uma proposta educacional. Como não fez parte desta pesquisa a visita à TV Cultura, o trabalho perde a oportunidade de refletir sobre as intenções no que se refere a educação. Posso apenas fazer suposições a partir do que vejo, do meu modo de olhar.

Podemos questionar o seguinte fato : as crianças fantasiam um Castelo, onde ocorre o aprendizado de maneira divertida e diferente da escola; seria porque na escola

aprender não é divertido ? Elas saem da escola contentes (porque o dia foi bom ou por estarem indo embora ?); mas no entanto é no castelo que aprendem se divertindo.

VI. Enfim...

A maior contribuição a minha formação com a realização deste trabalho, foi, sem dúvida, compreender o processo de elaboração de uma pesquisa; o contato com as linhas de pensamento de vários autores, a reflexão sobre tudo que foi lido, a inter-relação de idéias e a produção de um texto tendo como base um conjunto de conhecimentos foi muito relevante.

Além disso, a visão idealizada que tinha da TV, está se modificando; enquanto exploradora do conhecimento procuro a cada nova leitura, a cada nova reflexão, novas formas de enxergar o mundo, o homem e o que ele produz.

Ao final deste trabalho, percebo que vejo a televisão como um produto cultural que tem seu lado positivo e seu lado negativo. Ela não forma pessoas “ boas ou ruins” , participa da formação de *peessoas*, que são um todo, uma unidade cheia de complexidade.

Se hoje tenho esta visão da televisão é porque ela mesma também contribuiu para isso. A televisão que eu tanto critiquei, foi parte integrante de minha formação.

VII. Bibliografia

- **ABRAMOVICH**, Fanny. "Então, crianças, vamos discutir televisão ? *in* O estranho mundo que se mostra às crianças.
- **ALMEIDA**, Milton José de. "Imagens e Sons : a nova cultura oral". Cortez Editora. São Paulo. 1994.
- **ANDRADE**, Carlos Drummond. "O Estranho caso de 2 e 2 " *in* Os dias lindos - Crônicas. Editora Record. Rio de Janeiro. 1990. pp173/174.
- **ARIËS**, P. História Social da Criança e da Família.
- BACHELARD**, Gaston. " Introdução" e "A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana. *in* A poética do devaneio. Martins Fontes. São Paulo, 1988.
- **BENJAMIN**, Walter. "O narrador" *in* Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e História da Cultura. Editora Brasiliense. São Paulo.1993. 6ª edição.
- **CALVINO**, Italo. "O visconde partido ao meio". Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1951.
- **CANETTI**, Elias. "A inversão do temor do contato", A domesticação das massas nas religiões universais", "O ritmo" *in* Massa e Poder. Companhia das Letras. São Paulo. 1995.
- **CANETTI**, Elias. "Realismo e nova realidade" e "Acesso de Palavras" *in* A consciência das palavras. Companhia das Letras. São Paulo. 1990.

- **CARNEIRO**, Vânia. "Educativo com entretenimento"(tese Doutorado FE).

- **CORTAZAR**, Júlio "Manual de Instruções" e "Educação de Príncipe" *in* Histórias de Crónopios e Famas. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1994. 5ª edição.

- **ENZENSBERGER**, Hans Magnus. "A mídia zero ou porque todas as queixas referentes à televisão são desprovidas de sentido" *in* Mediocridade e Loucura o outros ensaios. Editora Ática. São Paulo. 1995.

- **FILHO**, Ciro Marcondes. "Imperialismo Cultural, o grande vilão na destruição de 'nossa' cultura (Cap.3)" e "Telenovela e a lógica do capital (Cap.4)" *in* Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil. Vozes Editora. Petrópolis. Rio de Janeiro. 1987.

- **FISCHER**, Rosa Maria Bueno. "O mito na sala de jantar : discurso infanto-juvenil sobre televisão" Movimento. Porto Alegre. 1984. FE 301.161/F 524 m.

- **LOBATO**, Monteiro. "A chave do tamanho". Editora Brasiliense. São Paulo. 1992. 36ª edição.

- **LÖWY**, Michael. "Ideologia" *in* Ideologia e Ciência Social. Elementos para uma análise marxista. Cortez Editora. São Paulo. 1993.

- **MARTIN**, Marcel. "As características fundamentais da imagem fílmica" e "O papel criador da câmara" *in* A linguagem Cinematográfica.

- **MEIRELLES**, Cecília. "Alice no país das maravilhas" *in* Problemas de Literatura Infantil.

- **OLIVEIRA Jr.**, Wenceslao Machado de. "Filmes & Professores - momentos de uma oralidade muito presente.

- **PAZ**, Octávio. "A nova analogia : poesia e tecnologia", "O pacto verbal" e "Literatura e Literalidade" *in* Convergências. Ensaios sobre arte e literatura. Ed. Rocco. Rio de Janeiro. 1991.

- **ROCCO**, Maria Thereza Fraga. "Linguagem autoritária : televisão e persuasão." Editora Brasiliense. 1989.

- **ROLNIK**, Sueli. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia.

-

- **SAHLINS**, Marshall. "Estrutura e História" *in* Filmes da História.

- **VELHO**, Gilberto. "Introdução" e "Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas" *in* Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2ª edição.

- _____, "Os devaneios voltados para infância" *in* A poética do devaneio.